

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANCEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
Anno ou 24 numeros 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros 1\$300 | N.º avulso ou pago à entrega \$120
ESTRANCEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 3\$600 | Semestre ou 12 numeros 1\$500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 44

15 DE OUTUBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO—Exposição Portugueza no Rio de Janeiro, R.—Manuel Borges Carneiro, BRITO REBELLO—Arte pre-romana, F. MARTINS SARMENTO—As nossas gravuras—Justiça e... Justiça, a Camillo Castello Branco, SILVA RAMOS—Viagem através d'Africa Austral pelo major Serpa Pinto, ALBERTO DE CERVAES—O Hyssope, de Antonio Diniz da Cruz e Silva.

GRAVURAS.—Exposição Portugueza no Rio de Janeiro em 1879, Sala dos Braganças destinada à secção de bellas artes onde se celebrou a abertura da exposição presidida por S. M. o Imperador do Brazil—Lu-

ciano Cordeiro, Marcellino Ribeiro Barbosa, exposição de crystaes e ceramica na sala de D. Manuel, exposição de vinhos na sala de D. Diniz, exposição de productos da imprensa na sala de Luiz de Camões—Cabo de Espichel, a Balleira—Arte pre-romana—Que em seguro já posto, ao pé da guarda, Ao pastor que se apeia o Hyssope off'rece, gravuras extrahidas do poema heroe-comico «O Hyssope».—Enigma.

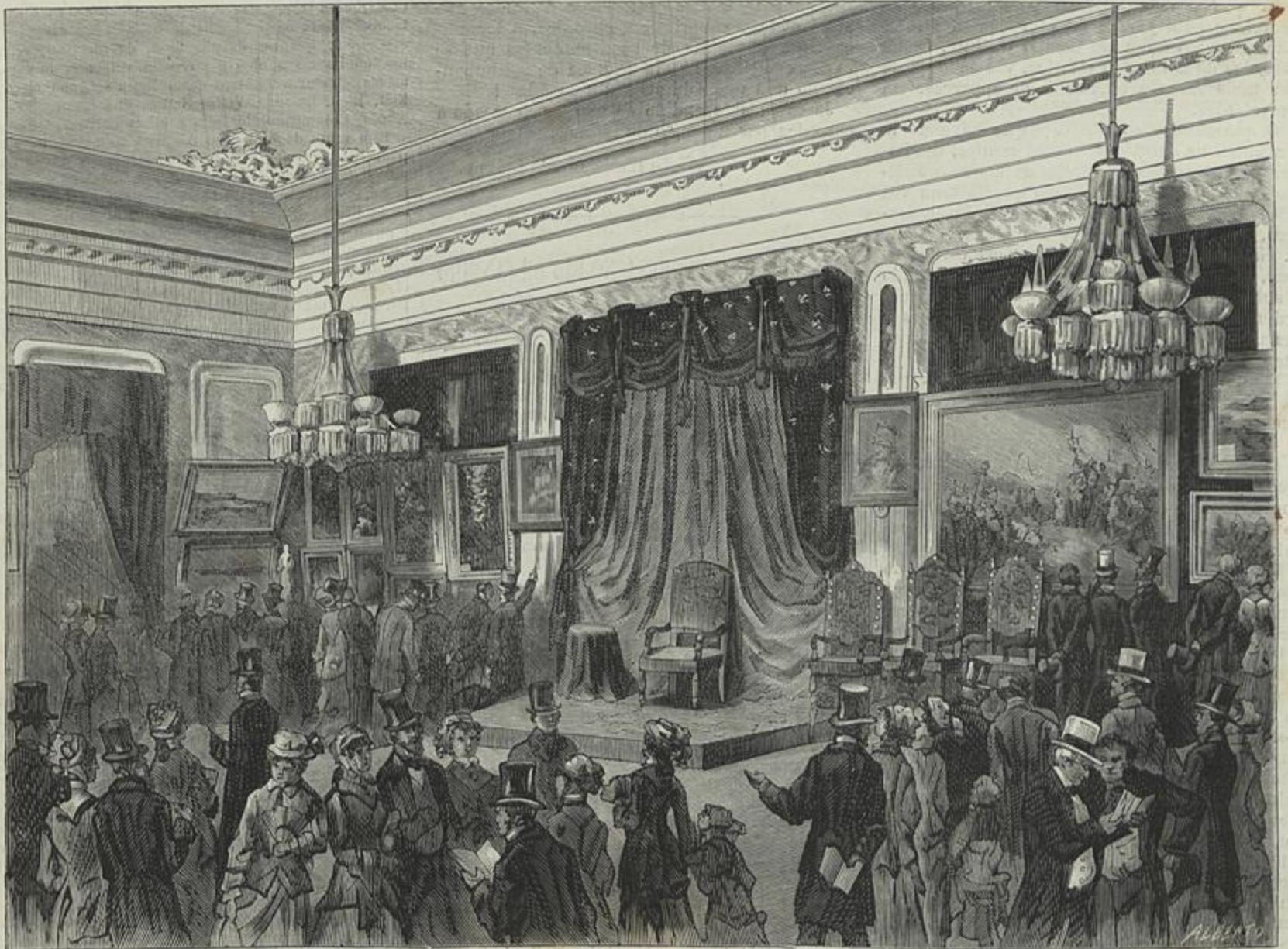
CHRONICA OCCIDENTAL

Seria imperdoavel perguntar ao leitor se por ventura é candidato nas proximas eleições,

quando na verdade não ha presentemente ninguem em Portugal, que no fundo, bem no fundo, não o seja mais ou menos.

A onda do sufragio assoberba todos os animos fazendo com que os ultimos banhos de mar se tomem á mistura com banhos de listas. Em vez do rouxinol soltar os ultimos gorjeos nas balseiras, apenas se escuta um murmuro de vozes bradando de todos os lados á urna! e nas tardes melancolicas e tristes que vão correndo, nenhuma alma, por mais poetica e independente que seja, deixará de trocar a magica influencia do sol posto pela influencia d'um regedor!

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879



SALA DOS BRAGANÇAS, DESTINADA À SECÇÃO DE BELLAS-ARTES E ONDE SE CELEBROU A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO, PRESIDIDA POR SUA Magestade o Imperador do Brazil (Segundo uma photographia de Marc Ferrez)

Bellos tempos aquelles de platonismo constitucional, quando um candidato conseguia ser eleito, apenas pelo simples facto de ser um publicista notavel ou um tribuno de genio, em vez de o ser pela circumstancia de se distribuir em lombo de porco á consciencia dos eleitores...

Paris, n'esta parte — para se parecer com Lisboa — quando Lamartine, Luiz Blanc, Ledru Rollin, Victor Hugo, Thiers ou Gambeta, lhe batessem á porta, a sollicitar o suffragio, a primeira cousa que devia exigir d'elles era que não se dessem ao arrojo inaudito de ter genio; a segunda que quizessem ter a condescendencia de lhe pagar!

Um em vez de ter feito a *Historia da Revolução*, devia ter aberto mais um beco em Alfama; outro em vez de ter escripto o *Consulado e o Imperio* devia ter creado mais seis zeladores; outro em vez de ter dado de presente ao seculo XIX a *Lenda dos seculos* devia ter-lhe antes offerecido meia libra.

O que é certo é que o cargo de representante da nação vaie estando, como a dignidade de commendador ou de visconde, fóra das *posses* de muita gente. Os eleitores começam a encarecer a olhos vistos. No mercado a que, de quando em quando, o poder executivo de accordo com o poder moderador procede nas diversas terras do reino, já é difficil tirar um eleitor firme, que trabalhe bem e que não tenha manhas por menos de libra e meia. Isto na provincia. Em Lisboa custam quatro vezes mais, em virtude da procura e tambem pela circumstancia de serem mais apparatusos.

D'esta fórma as *augustas funções* de representante da nação começam a ser unicamente compatíveis com o rendimento de doze contos para cima, e de dois dedos de genio para baixo.

Ainda ha, é verdade, devemos confessal-o, um ou outro eleitor de consciencia immaculada que se deixa seduzir pela *independencia de voto* e pela *pureza do suffragio*, mas esses que se apresentam no campo da luta, assim coroados de flores de rhetorica, vão sendo cada vez mais raros e tendem a desaparecer em breves dias.

O que admira entretanto é que havendo lá em cima, na opinião de tantos crentes, um Poder recto e justiceiro, muito mais que o Judicial, não adopte a resolução que já uma vez adoptou para com o *corpo eleitoral* de Jerusalem, entrando na igreja das Mercês, na de S. Nicolau, na de S. Mamede e em varias outras, na manhã de 19 do corrente, e varrendo o suffragio para a rua a golpes de azorrague, ordenando depois que as respectivas mezas e urnas sejam vendidas na feira da ladra como utensilios de prestidigitación.

E quem quizer de futuro fazer eleições que vá proceder á chamada para a praça da Figueira.

N'esta época utilitaria em que tudo se faz á *machina*, desde o café até ao deputado, foi recebida com extremo jubilo a conferencia em que o professor Cazeneuve explicou no salão do theatro de D. Maria II o seu engenhoso machinismo de ensinar a lingua franceza.

E' digno dos maiores elogios o invento do professor Cazeneuve, embora a alguns pareça um pouco moroso pela circumstancia de só em tres mezes produzir um menino de doze annos a ler o *Telemaco*; entretanto a morosidade não provém do principio mechanico em que se funda o aparelho e simplesmente da circumstancia da machina ser por enquanto movida a braços. Mas, emfim, todas as grandes creações da humanidade tem o seu periodo embryonario. Quem sabe se, com o andar dos tempos, a machina do sr. Cazeneuve, depois de successivamente aperfeiçoada, movida pela força do vapor, não poderá apresentar os productos mais estupendos, apromptando, por exemplo, em meia hora, ao mesmo tempo, doze bachareis em theologia e uma duzia de camizas de brentanha?

O periodo corre extremamente favoravel ao maravilhoso, tanto na politica — nas diversas provincias do reino, como nas do espirito publico que não se preocupam com eleições.

Á ultima hora annuncia-se um professor de *sciencias occultas* que promete n'um dos theatros de Lisboa deixar a perder de vista os sortilegios que em breve presenciaremos por meio da *urna do suffragio*, e, enquanto elle não se exhibe, o dr. Faure Nicolay e sua filha Helena, joven sybila de menor idade, convidam o publico ás suas *soirées* recreativas no theatro do Gymnasio.

O apello do professor Nicolay ás diversas classes da sociedade, ao serviço das quaes elle desinteressadamente põe a sua sciencia, por todas tem sido escutado, menos pelo clero que até hoje não parece ter correspondido á esperanza que o dr. Faure nutria de o ver acudir pressuroso a estudar a parte que nos trabalhos do professor se relacionam com o espiritismo.

Sim, em vão os programmas convidam a cle-rezia a comprar bilhete. Na ultima recita quem passasse uma vista d'olhos pelos camarotes e contemplasse os rostos pallidos, risonhos ou melancolicos que se encostavam negligentemente á pequenina mão calçada em mitenes de retroz, ou ainda á decrepita luva *gris-perle* de seis botões, condemnada passageiramente pela moda da estação, veria logo que os seus olhos não tinham deparado com as mais delicadas flôres do cabido da Sé!

Sim, não eram com os olhos negros de um beneficiado que por ventura se tinha encontrado o seu olhar!

— A companhia dos *Athletas Russos* annuncia-se logo depois de todas as excentricidades politicas e theatraes que acabo de referir, e não será de admirar que, em definitivo, o favor publico se pronuncie pelo *coronel* que doma leões, já cansado de admirar os que apenas domam eleitores.

O que é certo, entretanto, é que a quinzena decorrida foi de tal maneira abundante de factos plebeus e reles, e safara de casos artisticos ou litterarios appetitosos e delicados que seria melhor supprimir a chronica, a ter unicamente de fallar de acontecimentos que se expõem melhor n'uma barraca de saltimbancos do que nas columnas d'uma folha!

Já estou arrependido de não ter começado a chronica por um rufo de tambor,

GUILHERME D'AZEVEDO.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO

A imprensa portugueza e brazileira tem dado conta minuciosa d'este magnifico certamen, de que o bom nome portuguez acaba de desempenhar-se d'uma fórma cabal, deixando bem assignalados os progressos artisticos e industriais que o nosso paiz tem feito nos ultimos annos.

O OCCIDENTE não podia deixar de consagrar algumas paginas a esta festa civilisadora, completando pelo desenho as descripções largamente desenvolvidas que nos chegam d'alem mar. Seremos succintos na parte descriptiva limitando-nos, como é da indole d'estas publicações, a acompanhar os desenhos das palavras indispensaveis para bem os justificar ou tornar comprehendidos.

Primeiro os dois retratos.

LUCIANO CORDEIRO, *director geral da exposição*. — Este distincto escriptor, de que uma oportunidade estranha até certo ponto ás letras, nos impõe o dever de fallar agora, podia muito bem figurar nas paginas da nossa folha pelo facto da publicação d'algum dos seus livros not-veis, ou de outra qualquer fórma de manifestação litteraria ou industrial da sua personalidade energeticamente accentuada no meio da proverbial inacção do caracter nacional. Quer todavia a sorte, que o t-nhamos de fazer] agora a proposito da exposição do Rio de Janeiro, e não é este um dos actos que nobilitam m-nos a vida laboriosa e cheia de nobres iniciativas do infatigavel escriptor.

Luciano Cordeiro, trabalhador pertinaz, assignado nas espheras litterarias por numerosos livros de critica, viagens, litteratura, etc.; é um dos talentos que mais se distinguem na moderna pleiade portugueza. Póde dizer-se o typo do trabalhador moderno. E' sobretudo um caracter. Um homem da sua iniciativa e da sua tenacidade em cada cidade e villa de Portugal produziria em pouco tempo a regeneração do paiz.

A *Companhia Fomentadora* nomeando-o seu delegado

especial n'esta festa do trabalho, soube aquilatar lhe o valor, pondo ao mesmo tempo ao serviço do seu emprehendimento uma intelligencia vigorosa e uma vontade dedicada.

Luciano Cordeiro, n'uma palavra, soube mostrar no novo mundo o valor dos modernos trabalhadores portuguezes, apresentando desassombrado e sem pompas de rhetorica, á contemplação dos estranhos, o paiz tal qual é, animado d'uma excellente vontade de justificar no seio do mundo culto o seu titulo de nação independente.

Devemos-lhe todos por isso uma palavra de reconhecimento.

MARCELINO RIBEIRO BARBOSA, *iniciador da exposição*. — O sr. Marcelino Barbosa é natural do Porto. Estabelecido ha alguns annos no Brazil, começou de ha muito a acariciar a idéa da exposição, que em fim conseguiu levar a effeito. O seu nome já agora terá de ficar vinculado a tão brilhante festa de confraternidade e de progresso, e Portugal deve contal-o no numero dos seus filhos benemeritos e dos que mais tem lidado pelo esplendor do nome portuguez em terras estranhas.

A *Companhia Fomentadora* nasceu da sua iniciativa. Seria longo enumerar a serie de difficuldades que Marcelino Barbosa teve de vencer antes de conseguir a realização da sua idéa! Entregue de corpo e alma a tão arrojado empenho, a sua tenacidade passou por cima de todos os obstaculos. Foi elle que conseguiu do governo imperial o edificio aonde se levou a effeito a exposição, obtendo além d'isso outras concessões vantajosas, sem as quaes seria impossivel que a idéa chegasse á sua realização.

Durante uns poucos de annos consecutivos Marcelino Barbosa embalou a sua nobre aspiração atravez dos mares, expondo-a no Brazil, trazendo-a a Portugal, evangelizando-a, defendendo-a, apregoando-a, até que em fim conseguiu ser escutado.

Qualquer que seja o resultado material da exposição, já agora o nome de Marcelino Barbosa tem de ficar assignalado como o d'um benemerito a que o reconhecimento nacional mais tarde ou mais cedo fará justiça.

A *Sala dos Braganças* que figura na nossa primeira pagina, foi a destinada para a cerimonia da inauguração, presidida por sua magestade o imperador. Encontram-se n'ella os productos de bellas artes enviados á exposição: quadros de phantasia, de costumes, retratos, miniaturas a oleo e a *crayon*, originaes de varios artistas portuguezes, taes como Metrass, Anunciação, Keil, Lupi, Resende, Victor Bastos, Thomazini, Simões, Nunes, Columbano Bordallo e ainda outros.

Esta parte da exposição é um tanto deficiente, nem podia deixar de o ser, tratando-se apenas d'uma tentativa desajudada de todo o auxilio official ou academico; entretanto é já uma demonstração cabal de que as tradições artisticas não morreram ainda de todo no espirito portuguez; sendo de notar que taes productos foram alcançados de momento, d'entre os trabalhos ligeiros que não se destinavam a um certamen de ordem elevada, faltando ali alguns nomes que representem, por assim dizer, o moderno renascimento artistico portuguez e que lá fóra tem ultimamente estudado sobre a direcção de grandes mestres.

Ainda assim o aspecto da *Sala dos Braganças* é em extremo aprazivel e o conjunto das obras expostas não nos envergonha.

Sala de D. Diniz. — N'esta sala acham-se expostas as variadissimas amostras dos vinhos portuguezes. É opulenta e deslumbrante, como facilmente se comprehenderá, esta parte da exposição onde se acham, dispostas em grupos phantasiados, cerca de trezentas qualidades de vinho encerradas em cerca de vinte mil garrafas. O Caravelos, o Moscatel de Setubal, o Douro, o Malvazia, as geropigas, o Madeira, e uma infinidade de variadissimos typos que constituem este ramo da agricultura portugueza, disputam ali primazias, imprimindo á *Sala de D. Diniz* um caracter excepcional e tornando-a uma das mais deslumbrantes e *atrahentes* de toda a exposição.

Sala de Luiz de Camões. — N'esta sala acham-se expostos os objectos que, por assim dizer, se relacionam de perto com os progressos intellectuaes do paiz, taes como trabalhos typographicos, papel de impressão, livros, mapps, *specimens* de typographia, trabalhos de encadernação, etc.

A imprensa nacional de Lisboa, sobressae n'esse certamen pela perfeição dos seus trabalhos, seguindo-se-lhe outras officinas nacionaes taes como as de Lalle-mant Frères, Castro Irmãos, Corazzi e outras, perfeitamente bem representadas por varadissimos trabalhos typographicos em todas as especialidades.

O *Episodio de Ignez de Castro*, escripto em sete linguas e admiravelmente bem illuminado, faz honra á imprensa nacional, bem como honram as outras officinas a colleção do jornal o OCCIDENTE, a da *Bibliotheca infantil*, da *Bibliotheca selecta* e ainda muitas saídas tanto das typographias de Lisboa como do Porto

mais variadas applicações, desde os setins que são o encanto dos salões, até ao brinco que é o consolo da indigência. Esta parte da exposição pôde considerar-se uma das mais completas.

Sala de Marcos Portugal. — Esta secção comprehende instrumentos musicos, entre os quaes os expostos pelo sr. Castanheira, fabricante no Porto, constituem uma collecção valiosa. Os instrumentos d'este industrial tem sido premiados em varias exposições. Os cornetins, as requintas, os saxtrompas, os trombones e os baixos, as bombardinas e os contrabaixos, os oboés, as cornetas, os clarinetes, as flautas, as violas, as guitarras, expostas na sala de *Marcos Portugal* formam um mundo capaz d'abrigar nos seus recessos a alma de vinte phylarmonicas. Oh! attenta a quantidade de bandas de curiosos que presentemente povoam Portugal, a industria dos instrumentos musicos deve ser uma das mais favorecidas, sendo pare admirar que não se tenham instituido mais officinas para satisfazer a procura de instrumentos de vento e de panofia que no decurso do seculo forçosamente deve ter havido!

A cera em obra, por uma affinidade encontrada não sabemos como entre o instrumental e as vellas, acha-se tambem exposta n'esta sala. É grande a quantidade de vellas e de cirios para igrejas, ali expostos, tornando-se notaveis pelo bom gosto dos relevos e pela originalidade das pinturas com que se acham adornados.

São de primeira ordem os cirios paschaes expostos e do tamanho bastante para satisfazer os devotos do esplendor catholico. No ramo *cera* o Portugal do nosso tempo, mostra-se na exposição digno progenitor de muitos dos seus filhos.

Sala do Infante D. Henrique. — N'esta sala acham-se expostos os productos de cordoarias, cabos, poleame, fio e tudo o que tem relação com esta industria. A disposição é o mais artistica possível e todas as opiniões são unanimes em que n'este ramo a industria portugueza attingiu o maximo grau de perfeição.

A exposição especial de cabos da fabrica do sr. Domingos d'Abreu avanta-se principalmente, pela excellencia dos productos expostos, e sua bella disposição.

Sala de D. Pedro V. — N'este recinto acham-se expostas as mobílias enviadas pelos fabricantes portuguezes. São na sua maioria bem acabadas e solidas sem que lhes falte ás vezes um certo cunho d'elegancia e de conforto que a industria dos paizes mais adiantadas imprime hoje a estes productos. Entretanto, no genero antigo, notam-se algumas peças de extremo bom gosto mantendo intacto o caracter da epocha a que dizem respeito.

Alguns expositores apresentam mobílias de quarto de dormir e de *toilette*, extremamente luxuosas, outros, contadores de pau santo, cadeiras de estofos para sala de visitas, mezas, cadeiras d'espaldar, e uma grande variedade em fim d'outras peças para os diversos usos domesticos.

Entre as obras de torneiro, a imprensa tem mencionado com louvores as expostas pelo fabricante José Pinto, do Porto, entre as quaes algumas peças de jacarandá com embutidos de pau roza, tem chamado a attenção geral.

A sala de D. Pedro V é uma das mais vistosas e mais attrahentes da exposição e concorre para imprimir certo cunho d'opulencia a este lisongeiro certamen.

Quaesquer que sejam os immediatos resultados materiaes da exposição no Rio de Janeiro, sejam quaes forem as resistencias ou favores que ella tenha encontrado na numerosa colonia portugueza do Rio de Janeiro, é certo que empreendimento tão util como o da Companhia Fomentadora, debaixo do ponto de vista moral, raras vezes terá nos ultimos tempos sido levado a cabo por nacionaes em terras estranhas.

R.

AFRICA

O TENENTE LOURENÇO DA ROCHA
NO DAHOMÉ EM 1878-1879

II

A praça de Abomé — O palacio do rei — O traje do rei do Dahomé — O mar inimigo do rei de Dahomé — O principe herdeiro — As grandes festas do costume — A matança — O mingá — Os cadaveres — Se os povos do Dahomé são anthropophagos — As danças — A morte e o tumulto dos reis do Dahomé.

Quando o tenente Lourenço da Rocha entrou em Abomé ouviu tiros de artilheria. Esses tiros continuaram entremeados a espaços por descargas de fusilaria até que elle chegou á presença do rei.

As ruas por onde caminhava eram largas e formadas pelos muros de terra dos pateos que rodeiam as casas que são tambem construidas de barro. Essas ruas levam, no centro da povoação, a uma grande praça. Era n'ella que se

achava, para receber o governador portuguez, o rei do Dahomé.

Este estava então n'um pequeno pavilhão ou kiosco em que troncos de arvores delgadas, como columnas, sustentavam um tecto redondo. A pequena distancia algumas plantas circularmente plantadas formavam um *feitico*. Ao fundo via-se um conjuncto de construcções que eram a morada do rei, rodeadas, como todas as do paiz, por um muro de terra onde, em ganchos de ferro, se viam cabeças decepadas. Junto das portas d'esse muro costumam os reis do Dahomé accumular como trophéos as ossadas dos elephantes que as amazonas trazem da caça.

Quando o tenente Lourenço da Rocha entrou na praça principal estava n'esta um grande concurso de gente. Os que chegavam tinham de girar tres vezes em volta do *feitico* formado pelas arvores para depois se apresentarem ao rei. Este levantou-se e veio ao encontro do governador portuguez. Viu-se então que trazia na cabeça um barrete de seda e veludo bordado a ouro e ornado com uma meia lua e um meio sol de metal amarello. Uns calções de côres lhe cobriam em parte as pernas e tinha os pés enleados em corréas ornadas de metaes e pedras brilhantes. Dos hombros caia-lhe um panno de lã como se fôra um manto.

As salvas continuavam entretanto a pequena distancia. Eram dados por antigos canhões europeus, portuguezes talvez, alguns de bronze, mas todos apeiados e sem carretas. Os negros erguiam-n'os perpendicularmente para os carregar e deitavam-n'os no chão, sobre travessas baixas de madeira para lhes dar fogo.

Uma das primeiras cousas de que o rei de Dahomé fallou ao sr. Lourenço da Rocha foi no mar, de junto do qual elle vinha. Julgou comprehender o governador portuguez por meio de interprete que o mar inspirava grande terror ao rei negro como se fôra o seu grande inimigo, a ponte d'elle julgar que perderia o governo dos povos se um dia o avistasse.

Foi depois o sr. Lourenço da Rocha conduzido á casa que devia habitar.

Soube então que haviam tambem chegado a Abomé o negociante preso Ignácio de Magalhães e sua mulher. Não ponde porém vel-os; porque do dia 3 ao dia 6 de setembro o não deixavam sair.

Então o filho mais velho do rei mandou-o chamar e encheu-o de perguntas. Eram em tempos muito estimados em Abomé as fazendas portuguezas porque duravam muito sem nunca perderem as côres, e em troca d'ellas levavam os negociantes para as costas os escravos feitos nas guerras do interior. O herdeiro do rei de Dahomé queria saber porque haviam quasi terminado estes negocios importantes e o governador portuguez teve de tentar explicar-lhe, sem grande resultado moral, como as nações civilizadas haviam acabado com o trafico criminoso da escravatura.

Entretanto o tenente Lourenço da Rocha pedia para que soltassem Ignácio de Magalhães e sua mulher, mas continuava a não poder sair da casa e do pateo onde o haviam collocado.

Assim se passaram dias.

Emfim, o rei mandou convidar o governador portuguez para assistir ás grandes festas designadas, segundo os viajantes, pela palavra portugueza *costume*, porque são uma celebração periodica que, todos os annos, ou sempre nas occasiões solemnes, se repete.

Quando o tenente Lourenço da Rocha e os soldados portuguezes chegaram á grande praça, estava ella cheia de gente pela maior parte armada.

Sobre uma varanda armada de madeira e alta como um primeiro andar, estava o rei. O governador foi cumprimental-o e tomou o lugar que lhe designaram.

Então um preegoeiro, ao lado, começou em voz estridente e com grandes gestos a explicar ao povo que muitos homens iam morrer e, ao passo que o rei atirava sobre a multidão punhados de buzios, *caurius*, e bocados de fazendas de côres. Em baixo a pequena distancia estava-se amarrando uma grande quantidade

de negros silenciosos, que, com as vistas desvairadas, olhavam intrepidamente a scena.

Grandes cestas começaram então a ser trazidas á cabeça de negros até junto do rei. Em cada cesto, amarrado e envolvido em cordas e pannos, vinha um homem. Só a cabeça saia distincta e aterrada da massa informe onde apenas se via movimentos convulsos e contraídos.

Essas cestas eram postas na borda da varanda e o rei com a mão fazia-as cair em baixo, na praça cheia de povo. Ah! o *mingá*, que é ao mesmo tempo o ministro e o carrasco, levantava a sua espada enorme, cuja folha tem sobre si, para que a torne mais pesada, um grande passaro de metal, e com ella, d'um só golpe, degolava cada victima.

Mas, logo no começo da matança, o governador portuguez pediu ao rei que o deixasse retirar para que elle não sancionasse, até certo ponto, com a sua presença, um crime a que todavia não tinha força de pôr termo.

E afastados os portuguezes, no meio dos murmúrios ameaçadores da multidão, a carnificina proseguiu.

No dia seguinte dois cabeceiras procuraram o sr. Lourenço da Rocha e, irritados, insultaram-n'o por elle se haver retirado na vespera. Os portuguezes foram então todos desarmados, e de tarde, tiveram de assistir á continuação das festas.

Então milhares de padecentes atados dentro de cestos caíram da varanda do rei, e foram degolados pelo *mingá*, de pé, infatigavel. A multidão embriagada parecia querer muitas vezes disputar-lhe os padecentes, porque, n'outras festas é costume entregar á ferocidade publica a degolação das victimas, e é então o povo que corre sobre as cestas a despedaçar os prisioneiros.

Diz o sr. Lourenço da Rocha que os cadaveres são arrastados para uma valla fóra da cidade, onde as feras e as aves de rapina os devoram em pouco tempo. Outros viajantes tem notado com estranheza a desaparição dos corpos depois dos sacrificios, as orgias nocturnas que continuam as festas, e as explicações ambíguas que dão os negros quando interrogados sobre taes factos.

D'isto tudo tem esses viajantes tirado motivos para suspeitar que, pelo menos em certas circumstancias particulares, são anthropophagos os habitantes do Dahomé.

Mas depois de sacrificados os escravos principiam as danças. Ranchos de raparigas com o peito e as pernas nuas, ou mulheres mais idosas de coletes de chita, decotados, com manilhas de metal ou de madeira, brilhantes de oleo de palma, dançam então rapidamente. O rei levanta-se ás vezes e vai tambem dançar com ellas, tocando uma especie de tambor. E o povo bate com as mãos na bocca applaudindo com sons roucos e entrecortados.

Até 15 de janeiro do corrente anno de 1879 estiveram os portuguezes retidos em Abomé, sem receberem noticias de fóra.

Durante esse tempo o sr. Lourenço da Rocha pôde observar á vontade os curiosos costumes d'aquelles povos.

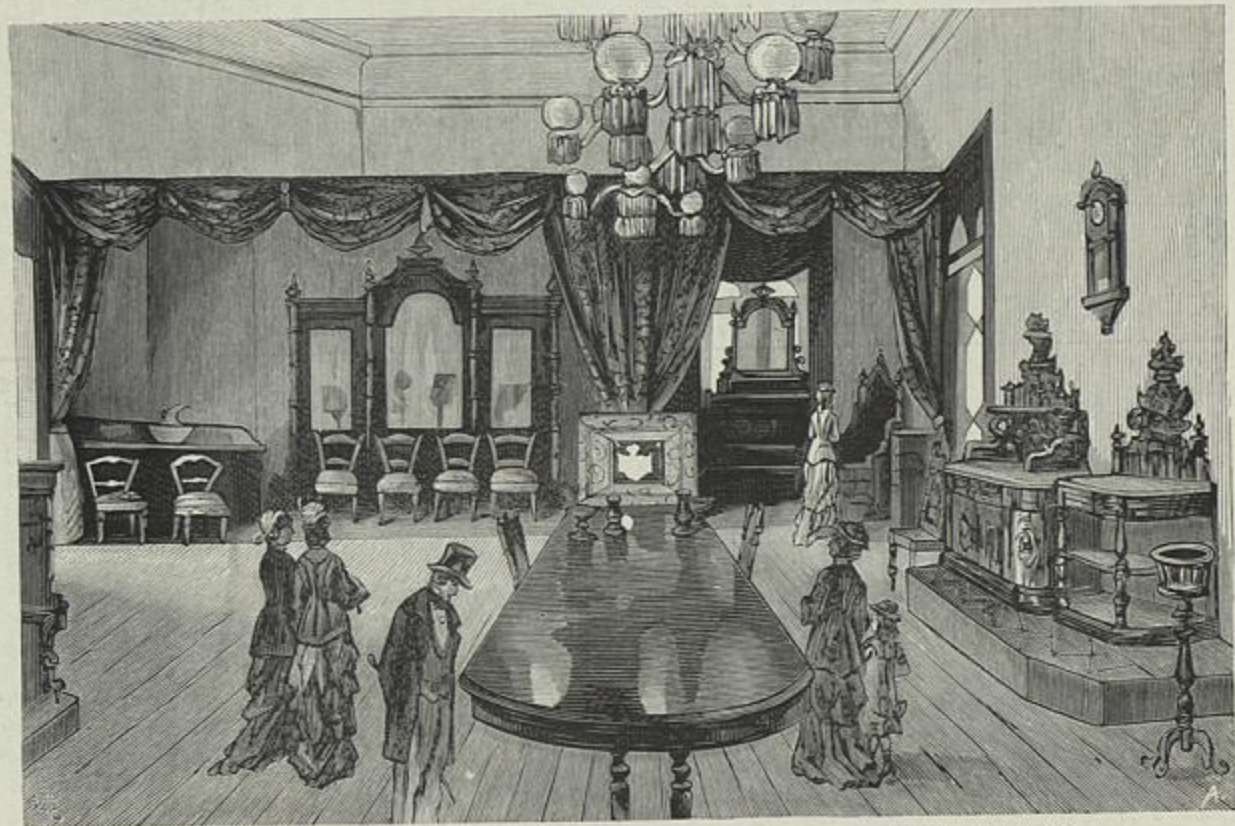
Ao rei morto são enviados muitas vezes pelo seu successor mensageiros com presentes.

Contam viajantes portuguezes que em Abomé os corpos dos reis que morreram, se collocam n'um vasto subterraneo cujo tecto é sustentado por columnatas naturaes. N'uma vasta quadra e dentro d'uma especie de caixa feita por terra amassada com o sangue de cem escravo estende-se o corpo do rei, encostando-lhe a cabeça ás caveiras dos chefes vencidos na guerra. Ah! o deixam. E é ali que, de tempos a tempos se veem immolar os gados, os escravos e muitos negros, que voluntariamente se deixam matar pela honra de serem enviados do rei morto.

E' só 18 mezes depois da morte d'um rei que o seu successor é verdadeiramente proclamado. Na grande caverna a cabeça do finado é mostrada ao povo, e é então que, nas festas celebradas, se fazem os mais numerosos e terriveis sacrificios.

(Continúa)

ALBERTO DE CERVAES.



EXPOSIÇÃO DE SEDAS NA SALA DO MARQUEZ DE POMBAL — EXPOSIÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICOS NA SALA DE MARCOS PORTUGAL — EXPOSIÇÃO DE CABOS E POLIAMES NA SALA DO INFANTE D. HENRIQUE — EXPOSIÇÃO DE MOBILIAS NA SALA DE D. PEDRO V (Segundo photographias de Marc Ferrez)

Sala de D. Manuel. — Nesta sala, a primeira com que se depara ao entrar na exposição, estão dispostas as louças, cristaes e obras de cerâmica.

A fabrica da Marinha Grande, da Vista Alegre, de Sacavem e algumas outras, expõem variados typos de louça de todas as qualidades, competindo com os productos com que o estrangeiro habitualmente surte os mercados.

A louça das Caldas destaca-se, como em todas as exposições antecedentes a que tem concorrido, pelo seu typto especial e cheio de originalidade, que lhe dá um logar á parte na cerâmica moderna, e a faz apeteçada de toda a gente detada de bom gosto. A louça, imitação do antigo, exposta pelo sr. Cifka, chama as atenções geraes pela magnificencia, que a torna apta para ser collocada a par das melhores peças artisticas.

No seguinte numero trataremos das outras secções em que a arte e o trabalho nacional da mesma forma se distinguem na exposição patrioticamente promovida pela *Companhia Fomentadora* no Rio de Janeiro.

R.

MANUEL BORGES CARNEIRO

II

1820-1823

(Continuado do numero antecedente)

Um facto unico empanára um pouco a vez de regosijo publico do primeiro periodo constitucional. O movimento liberal fôra ao principio bem acolhido no Brazil; a Bahia, Pará, Pernambuco, o Pihahui correspondiam ao grito de liberdade e todas as provincias enviaram os seus representantes ao congresso de Lisboa.

O conde de Palmella havia partido de Portugal para o Brazil logo em seguida aos acontecimentos do Porto e Lisboa em 1820; chegado ao Rio de Janeiro fôra nomeado ministro dos estrangeiros, e, pela consideração que merecia ao monarcha, convenceu este a approvar o movimento de Portugal, e a enviar o principe real D. Pedro com o cargo de seu logar tenente e uma constituição para o reino. Estava essa resolução tomada, quando a revolução do Rio de Janeiro de 26 de fevereiro de 1821, amedrontando D. João VI, o fez mudar de intenção, resolvendo-se a partir para Portugal, deixando ali o principe, ao qual disse particularmente, que ficasse, porque aquelle paiz estava a tornar-se independente, e se havia de ir para outro, ficasse para elle. Foi isto a semente de ambição lançada no coração do inexperiente e arrebatado mancebo. O seu caracter mal formado e mal dirigido, capaz para grandes acções, mas tambem susceptivel das más; irregular na sua conducta, ora delicado, ora grosseiro; ora generoso, ora avaro; e quasi sempre imprudente e irreflectido, deixou-o inflamar na veleidade de ser imperador, e acobertado com a confidencia do pae, foi ao mesmo tempo juguete e açoite dos patriotas brasileiros, tornando-se, com o seu procedimento, pouco affeicoado aos habitantes dos dois paizes. Mas, comtudo, essa questão foi seguindo conduzida quasi sempre pouco habilmente, dando logar nas côrtes a argumentações mais ou menos vehementes e apaixonadas, considerando-se uma parte dos deputados do Brazil, como representantes ás côrtes do reino unido, outros abandonando as suas cadeiras, sendo notavel que os representantes de uma provincia pediram todos licença por doentes. Tomou por vezes Borges Carneiro parte n'essas discussões, inflamado como de costume no amor da patria e da justiça, o que nem sempre foi bem apreciado por alguns dos deputados do Brasil.

Esse assumpto tomou a face conhecida de todos, o que talvez não succederia, se se houvesse seguido a indicação do conde de Palmella, e não a resolução pusillanime de D. João VI.

No entanto chegára o dia 13 de maio de 1823, anniversario do rei e viu-se a cidade de Lisboa regorgitar de esplendor e regosijo. D. João VI e o infante D. Miguel, vestidos com o uniforme da guarda nacional, atravessaram a cidade dirigindo-se ao Paço da Bemposta, onde houve beija-mão; depois assistiram a uma parada.

À noite appareceu a familia real no theatro, e d'alli foi ao baile da assembléa que foi aberto pela condessa de Belmonte e cidadão Wannig (filho). A familia real aceitou os refrescos que lhe offereceram, e retirou do baile ás tres horas da manhã.

N'essa tarde inaugurava a camara municipal em uma das suas salas o retrato d'el-rei, pronunciando por essa occasião o deputado Moura, vestido no uniforme da guarda nacional, um breve, mas vehemente discurso com que inflamou os animos patrioticos dos cidadãos presentes.

Assim seguia placidamente a nação a vereda constitucional tão sabiamente aberta e cimentada. Nem um tiro, nem uma morte, nem uma gotta de sangue custara essa conquista, o que entre outros povos tanto serviu a justificar a reacção. De toda a parte as adhesões eram entusiasticas. A idéa liberal ia ganhando terreno. Dois annos de exercicio, haviam demonstrado que o rei e o povo ganhavam em força, em consideração, com o novo systema; a irresponsabilidade do monarcha tornava-o mais amado, e mais respeitado.

A adhesão da familia real, que parecia sincera, não fazia presagiar reacção alguma. Comtudo sabia-se que a harmonia não reinava no seio d'esta familia. O rei tinha motivos para não acreditar na affeição da rainha, e esta não perdia occasião de o indispôr com o publico, para divertir a attenção d'este das suas tramas. Uma noite de espectáculo, no theatro de S. Carlos, quando a familia real, n'um intervallo, retirára do camarote, a rainha, aproveitando a occasião, veio á bocca d'elle, e, em voz baixa, como de intimidade, disse duas ou tres vezes: «Portuguezes, viva la constituição.» Ouvida, foi victoriada, e aclamada com o maior enthusiasmo. A perversão que lhe fervia no animo, levava-a a estes ardis.

Durante o encerro das côrtes velava pela constituição uma commissão permanente d'ellas; e no uso dos seus poderes, de accordo com o governo, segundo as declarações feitas por el-rei no discurso do encerramento a 31 de março, julgou conveniente convocar o parlamento extraordinariamente, verificando-se a primeira reunião a 15 de maio.

Começaram logo as côrtes a occupar-se do exame de varios projectos necessarios a complementar a organização administrativa, judicial e militar, a da fazenda nacional, e tratar da defeza do paiz. Com relação a estes assumptos emittiu sempre Borges Carneiro a sua opinião com o desassombro e isenção habituaes n'elle, tornando-se notavel entre todos o discurso pronunciado na sessão de 22 de maio, sobre a competencia das côrtes e defeza da constituição. As suas opiniões e emendas, pela maior parte sensatas e constitucionalissimas, eram quasi sempre accites e approvadas.

A reacção porém estava latente não obstante as innumeras felicitações dirigidas ao congresso, e as provas de adhesão recebidas de toda a parte e quasi todos os dias.

Um officio do general Pego datado de Mirandella, a 18 de março, dava a noticia de um movimento combinado que haviam feito os brigadeiros Pamplona e Aparicio para evitarem a ameaça feita pelos facciosos sobre Traz-os-Montes, dando parte de que haviam retirado para as immedições de Zamora, com o intuito talvez de entrarem pela Beira.

O *Journal des Débats* de 25 de abril já havia dito que o conde de Amarante offerecera ao duque de Angoulême, o entrar em Hespanha com dois mil homens e unir-se ao seu exercito, o que este regeitára.

Os patriotas firmes porém no seu consciencioso procedimento, e na adhesão do paiz, não temiam pela causa da liberdade.

Ainda na sessão de 26 de maio resou a voz do deputado Franzini palavras dignas de um verdadeiro liberal, quando reclamou contra o estado da prisão do Aljube, sobre cuja reclamação a camara deliberou prudentemente; mas no dia seguinte rebentava sobre o congresso uma communicação da mais alta gravidade.

No dia 27 de maio espalhou-se na cidade a

noticia de que o infante D. Miguel fugira do Paço de madrugada, e se dirigira para Villa Franca, á frente do regimento de infantaria n.º 23, commandado pelo brigadeiro Sampaio, acompanhado por alguns soldados de cavallaria n.º 4.

Lido no congresso o officio que participava esta rebeldia, levantou-se Borges Carneiro, e em poucas palavras, mas vehementes, historiou o que era esta facção, reclamando promptas e energicas providencias. Depois de varias propostas e discursos declarou-se o congresso em sessão permanente, para tratar dos perigos da patria. D. João VI declarou que estava firme no proposito de manter a constituição jurada, desapprovando a desobediencia do infante; assim o asseverou o general Sepulveda ao congresso, assegurando ao mesmo tempo que a opinião geral do povo e da tropa era que o ministerio devia ser demittido.

As participações davam o infante em Villa Franca, dispendo-se a partir para o Porto e Almeida, proclamando a religião, o rei e a rainha, mandando soltar os presos alli e em Santarem, e apprehendendo os correios, e referiam a chegada alli do marquez de Bellas com ordens d'el-rei.

O ministerio foi demittido e substituido por José Antonio Guerreiro, José Xavier Mousinho da Silveira, D. Manuel João Locio, etc.

As traições porém começavam por toda a parte. O general Pamplona viera unir-se a D. Miguel, o proprio general Sepulveda, um dos fautores do movimento constitucional abandonou o cargo de chefe militar da côrte e provincia da Estremadura, e foi unir-se ao infante, fazendo desertar parte das tropas. O nucleo das forças fieis achava-se no Campo Pequeno, sob as ordens do general Jorge de Avilez, distinguindo-se, como sempre, pela sua firmeza, firmeza que havia de o tornar um modelo em 1828 e 1833 o regimento de infantaria n.º 18.

As ordens do soberano eram expedidas a todas as auctoridades para não obedecerem ao infante; de balde se desstituiram auctoridades de cuja firmeza se suspeitava, de balde o congresso tomava medidas, e inquiria do governo os successos, a reacção caminhava.

A 30 de maio dizia Borges Carneiro que preferiria acabar os seus dias entre os argelinos do que entre perjuros e despotas. Emfim o ministerio vendo por toda a parte a deserção e a infidelidade, e como tudo começava a pender para o lado onde se conglobava a força, deu a sua demissão no 1.º de junho, e o soberano congresso celebra a sua ultima sessão a 2 d'esse mez.

Resumindo a situação o deputado Moura, mostrou que não havia senão dois caminhos *resistir* ou *ceder*. D'aquelle seguiam-se perigos e males e desgraças para a patria; a revolução fôra pacifica, não devia ensanguentar-se. *Ceder* e *protestar* foi pois o que se resolveu.

Borges Carneiro, propoz e as côrtes approvaram e assignaram uma declaração e protesto em que se consignava, que estando desstituidos de poder executivo, desamparados da força armada, não podiam continuar o seu mandato; e a sua persistencia seria inutil á nação, e interrompiam as suas sessões até que a deputação permanente o julgasse conveniente, protestando, em nome de seus constituintes, contra qualquer alteração ou modificação na constituição de 1822.

N'estes ultimos dias as sessões do congresso foram concorridissimas, e as galerias applaudiram os mais energicos oradores.

Dias depois entrava o infante, e com elle a reacção, triumphante em Lisboa; o crime da mãe e do filho, tinha ganho o primeiro lance, em breve se arriscaria ao segundo.

Borges Carneiro recebeu a merecida recompensa. O patriota eximio que não lisongeára os reis nem os povos, que não queria galardão de uns, nem ambicionava o applauso dos outros foi demittido, do cargo de desembargador da relação e casa do Porto, por decreto de 17 de julho de 1823.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA NO RIO DE JANEIRO EM 1879



LUCIANO CORDEIRO — MARCELLINO RIBEIRO BARBOZA — A EXPOSIÇÃO DE CRYSTAES E CERAMICA NA SALA DE D. MANUEL — A EXPOSIÇÃO DE VINHOS NA SALA DE D. DINIZ — A EXPOSIÇÃO DOS PRODUCTOS DA IMPRENSA NA SALA DE LUIZ DE CAMÕES (Segundo photographias de Marc Ferrez

ARTE PRE-ROMANA



Fig. 1

ARTE PRE-ROMANA

A portada, de que o OCCIDENTE dá hoje a gravura, fig. 1, appareceu nas escavações de Sabroso, menos a padieira, que de balde foi procurada. Completando-a com uma padieira da Citania, não fazemos obra de phantasia. Restos d'uma portada, em tudo igual á de Sabroso, tinham já sido descobertos na Citania, a par d'uma padieira, que sem a menor duvida lhe pertencia, e que só se differença da da nossa gravura em que a parte central apenas continha o nome de Camal e alguns ornatos singellos (V. *Renascença*, Fase. II, III, pag. 24, 25, fig. 14).

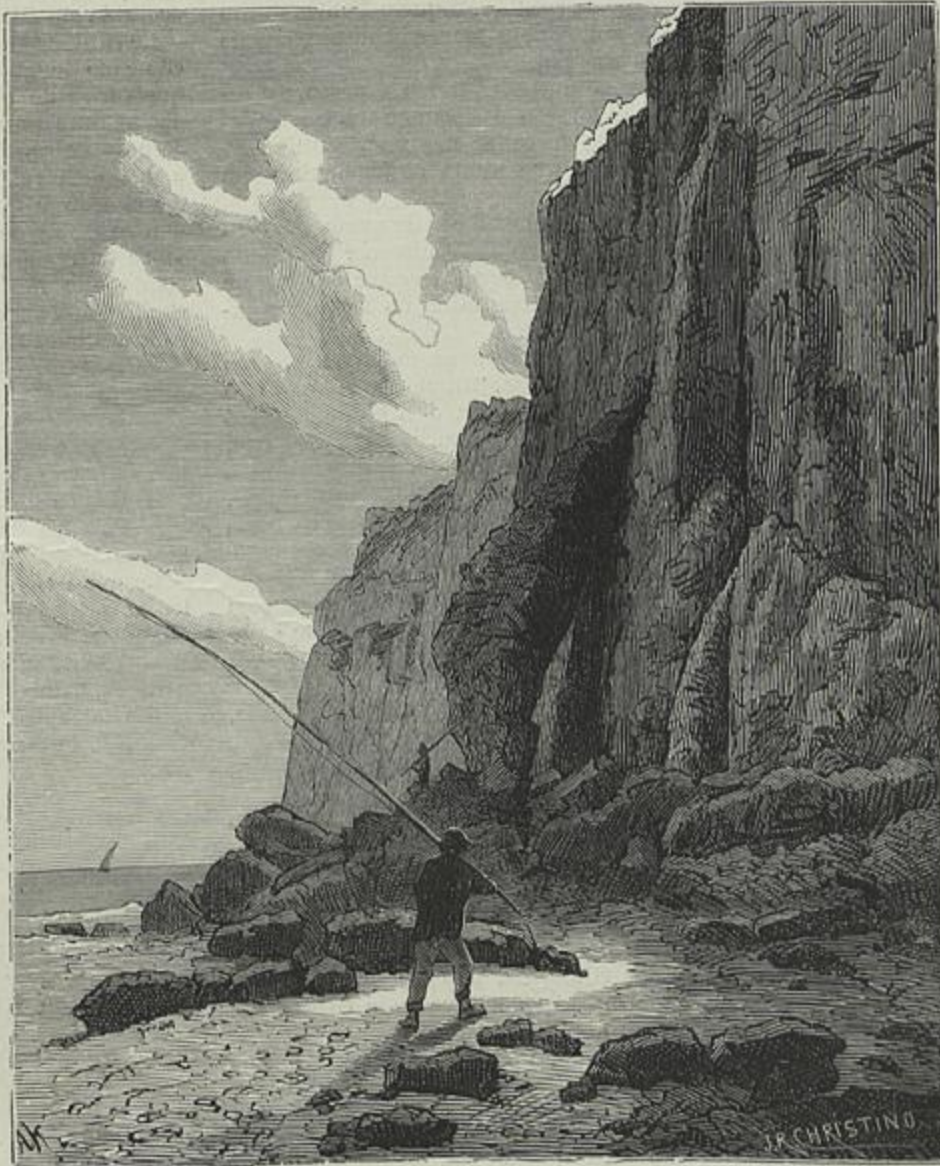
Uma outra differença que convem notar, por outros motivos, é que a casa da Citania era quadrilonga, a de Sabroso circular.

O rasgo do batente na hobreira, que tem exactamente a mesma altura da parte ornamentada, não mede mais que 1^m,22, e por muito extraordinario que isto pareça, o exame de outras hobreiras induz a crer que as portas em ambas as povoações não excediam muito mais aquella medida.

A largura, se a porta era de um só batente, porque na Citania, pelo menos, as havia de dois, regulava por um metro.

É impossivel saber-se até onde chegava o cordão triplicado, que do nivel da soleira partia em direcções divergentes, nem como rematava este ornato: as peças da portada, como facilmente se imagina, appareceram dispersas.

A particularidade de se não encontrar em Sabroso o minimo vestigio d'influencia romana não deixa duvida de que estamos em



CABO DE ESPICHEL — A BALIEIRA (Desenho do natural por Alfredo Keil)

face d'uma arte, que o romano alcunharia de barbara, e que por isso mesmo nos desperta dobrado interesse.

D'onde veio ella?

Vamos colligir alguns factos que nos dão, se não erramos, uma orientação quasi certa.

O motivo principal na ornamentação da faixa, que corre paralela á hobreira, consiste em circulos concentricos, e, supposto elles pareçam abafados pelas linhas curvas, que os ligam, o artista não se esqueceu de marcar bem o ponto, onde in-centrou o compasso que os traçou. Esta ornamentação dir-se-hia uma reminescencia da idade de bronze, que a empregava habitualmente, tanto em objectos d'este metal, como em barro, e Sabroso mesmo pode fornecer pontos de comparação: o fragmento ceramico (fig. 2), e a chapa de bronze (fig. 3) são de Sabroso.

As mesmas figuras, só muito mais rudimentares, gravadas n'uma lage d'estas ruinas, reproduzem ainda quatro circulos, ligados por uma linha obliqua: aqui circulos e linhas são singellos. Circulos singellos, isolados, dobrados, espiraes, ao lado das *covinhas*, que cada vez attrahem mais a attenção dos archeologos, são triviaes nas lages da Citania e de Sabroso, e parece fóra de duvida que todas estas figuras e signaes andavam estreitamente associados e pertenciam ao mesmo symbolismo, que o famoso *suastika*.

O *suastika*, como o sr. Schliemann o encontrou em Mycenae, não falta nas nossas ruinas (fig. 4), e é n'ellas igualmente comum uma outra figura que o celebre explorador descobriu em Mycenae e em Troia (fig. 5), e cuja significação ainda não está bem definida.

Tudo isto nos aponta inequivocamente o oriente; mas, para que a ethnographia podesse tirar seguras consequências d'estes factos, seria necessario provar que não tinhamos aqui a copia inconsciente de desenhos d'objectos, importados por estrangeiros, mas um grupo de signaes symbolicos comprehendidos por estes povos do extremo occidente e formando um corpo de tradições ainda vivas.

N'este ponto a duvida não nos parece permitida. Já na *Renascença* (n.º cit. fig. 25) mostrámos que uma figura, gravada n'uma lage da Citania, era certamente tão bem comprehendida pelos habitantes d'esta povoação, como o signal Mahadeo, que tem com aquella figura incontestavel analogia, o é ainda hoje pelos fakers da India. Signaes, não sómente analogos, mas perfeitamente identicos ao Mahadeo, encontram-se na Citania e em Sabroso, e a prova irrefutavel de que taes circulos não eram meramente ornamentaes, é que um d'elles apparece na face inferior d'uma pedra, que pela superior nivelava com o pavimento d'uma casa. A figura, pois, fica soterrada e furtada á vista; a casa, como diria o sr. H. Martin, estava collocada sob a protecção dos circulos mysteriosos.

A espiral da padieira da nossa gravura, o *suastika* da padieira, de que a *Renascença* já deu a gravura (n.º cit. fig. 6), estão a nosso vêr, no mesmo caso, e tudo nos persuade que os antigos povos d'esta parte da Hespanha tinham ainda viva a comprehensão das suas tradições religiosas: eram arianos pelas crenças, e, segundo affirma o nome de Camal, arianos pela lingua.

Eram celtas, como este nome o evidencia para alguns?

No meio da ignorancia em que estamos ácerca dos primeiros povos d'origem indo-europêa que occuparam a peninsula iberica, o celtismo tornou-se uma especie de recurso banal, de que tambem temos feito uso. Esperamos, porém, poder demonstrar que tal denominação deve ser proscripta, quando se falla de lusitanos e de gallegos, que muito provavelmente já estavam de posse d'esta parte da Europa, seculos antes da apparição dos celtas n'estas regiões.

Guimarães — 3 — 6 — 79.

F. M. SARMENTO.

AS NOSSAS GRAVURAS

CABO D'ESPICHEL — A BALIEIRA

A Balieira é um pittoresco sitio no cabo d'Espichel, que, como o leitor sabe, fica na Estremadura ao sul da foz do Tejo e proximo á foz do Sado.

No Cabo de Espichel morre inclinada sobre o mar a ultima ramificação da Serra da Arrabida, tão pittoresca como a de Cintra que se avista do outro lado da barra de Lisboa, conservando todavia aquella primitiva rudeza agreste que o homem conseguiu illiminar um pouco do *Glorioso Eden* cantado por lord Byron.

Cerca da pittoresca região de que a nossa gravura representa um detalhe, fica a celebrada igreja de Nossa Senhora do Cabo, tão popular entre os maritimos e tão celebrada pelas ruidozas romarias que ali concorrem todos os annos, acompanhando os pittorescos cyrios que ainda hoje representam os ultimos vestigios das nossas tradições cavalheirescas e religiosas.

Batido constantemente pelas vagas, defrontando com a immensidade, beijado constantemente pelo sopro das tempestades, nada mais solemne e mais proprio, na verdade, para infundir nas almas a emoção religiosa, de que este local selvatico e agreste, ante o qual não pôde deixar de se commover a alma do pensador e do artista!

O desenho que hoje damos feito do natural, em face de tão encantadora e tocante paisagem, dispensa encaucimentos. É seu auctor Alfredo Keil, distincto artista a quem o OCCIDENTE já deve outros trabalhos igualmente notaveis.

JUSTIÇA E... JUSTIÇAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

E, mostrando-se pelas ditas temunhas, tanto porque deva ser preso (o que ficará em arbitrio do julgador) o prenda com toda a diligencia. *Ord. Liv. V, Tit. 117, § 12.*

Passou-se o caso em uma aldeia do Minho. A sobrinha do boticario era a mais esbelta

e formosa rapariga d'aquellas cercanias. Não conhecera os seus progenitores. Porventura, haviam-lhe talhado o berço da mesma arvore affeiçãoada em esquife por onde o pae derivara do leite para a valla, quando a alma se lhe despegou do corpo no deliramento de uma febre typhoide; a mãe, varada de excruciantissimas dôres, já não escutara os vagidos da filha, quando lh'a arrancaram das entranhas.

Joaquim Bentes, o boticario, tanto que soube da morte de Maria Angelica, correu a casa da irmã, humedeceu-lhe de lagrimas o lençol, e, pegando na creança, enfaixou-a o melhor que pôde, aconchegou-a do peito, e desceu com ella as escadas, ao tempo em que a defunta saía, emparedada entre as quatro taboas do caixão, caminho do cemiterio.

Joaquim Bentes chegára á idade de 40 annos sem pensar em casar-se. Vivia com elle de portas a dentro uma tal Anna do Sargento, mulher membruda e roliça, sobre ser muito dada ao amanho da vida. Dizia-se que a alcunha lhe proviera de ter sido amada por um sargento de melicias, que a largára depois por uma barrêgã de clerigo, lance este que cobriria de manchas o bom nome da sr.ª Anna, se na pharmacopêa do amante em vigor não abundassem ingredientes com que dar barreira á virtude ennoduada.

O irmão de Maria Angelica, ao chegar a casa, depoz a creança nos braços da moçoila, e exclamou:

— Ah! tens a filha de minha irmã; olha por ella como se minha fôra.

— Deus a fade melhor do que aos paes — obtemperou a sr.ª Anna, chorosa. — E' preciso cuidar de fazer esta creança christã; não vá Deus levá-la para si, que tão enfezadinha é.

— Ora, mulher, a pobre creança sabe lá o que é peccar!

— Não, que sempre é filha de gente.

Dias depois, a menina recebia na pia baptismal o nome de Leonor. Opinára o tio padrinho por este nome que era tambem o da avó materna da menina, a quem Bentes muito amára em vida e cuja memoria nunca jámais varrera do coração.

Não acompanharemos, passo a passo, o crescimento e infloração da pequena Leonor. Vamos vel-a a desabrochar nas mais gentis dezoito primaveras que ainda desabotoaram em fórmas de mulher.

Tinha ella nos olhos a côr de quem os abria á luz em dia de céu sem nuvens, enquanto conservava no rosto aquella suave tristeza de quem teve a projectar-se-lhe no berço a sombra de dois cyprestes.

Se a formosura a tornava mais triste, se a tristeza mais formosa, ninguem, ao certo, o poderia dizer, nem ainda o filho do Esteves do Forno que todo se ficava a olhar para ella, se acertava de passar-lhe em frente da casa e que a via a costurar por entre os vidros, quando não permanecia cosido com a porta da propria habitação á espera de a ver assomar á varanda.

Leonor attentára nos olhares do rapaz sem biocos de falso pudor, correspondera-lhe amavelmente ao cumprimento, e já de uma vez dissera á sr.ª Anna:

— Que bom rapaz que me parece o Vicente, ó ti'Anna.

O que a ex-amante do sargento confirmára, encarecendo:

— E então d'isto!... — e unia o pollegar ao indicador no gesto inculcativo de bom dinheiro. — O que lhe eu tomára são as peças que o pae tem no fundo da arca. Feliz de quem o levar!

Pensava assim a boa da mulher, como quem, passante dos cincoenta, não tem que ver com filtros cupidineos que não venham coados por crivos de ouro.

Ainda não tinham vindo á falla. Sem embargo, Leonor sentio que o amor lhe rebentára no seio n'uma noite em que o somno lhe fôra mais rebelde; pela sua parte, o Vicente julgou-se correspondido no seu affecto n'um dia em que, saindo ante-manhã a divagar pelos

campos, Leonor o saudou da janella, com um ar de alegria matinal que fez raiar no peito do moço o sol da felicidade, á mesma hora em que o disco doirado que fertilisa as searas ascendia no horisonte franjado de purpura.

Seguiu-o a moça com os olhos até o perder de vista e não teve mão em si que não ficasse pregada na varanda á espera de o ver voltar para casa.

Defronte da morada do boticario estendia-se um vasto campo de trigo todo florente e viçoso, ao fundo do qual serpeava uma ribeira orlada de choupos. A azenha, movida pela agua da levada, começava a rodar lentamente. Para a direita, a cem passos de distancia, erguia-se o forno, e, junto do forno, a casa do Esteves, sem brincados architectonicos, mas bem caiada e lustrosa.

Vicente, ao voltar, trazia na mão um ramo de malmequeres. Quando passou por debaixo da janella de Leonor, poz-se a interrogar com profundo interesse o horoscopo dos campos. Ao cair no chão a ultima folha, olhou para cima e viu a menina sorrir-se e córar. E' de crer que elle córresse tambem, que o sangue é por igual susceptivel d'estes assomos, assim no homem como na mulher, enquanto a sociedade o não derranca ou os vicios o não destemperam.

A unica sombra á felicidade de Vicente era D. Alvaro, o filho do fidalgo da Varzea, que todo se pavoneava ao passar pela pharmacia, calamistrado e casquilho, como quem premeditava levar de assalto aquella fortaleza. Leonor, porém, ao dar de rosto com elle, para logo baixava os olhos sobre a costura, e, se acontecia estar á varanda, mettia-se para dentro, mal que o avistava de longe, no intuito de furtar-se aos olhares impertinentes que D. Alvaro lhe dardejava.

Impertinentes no dizer de Leonor, que eu decerto não encontraria adjectivo de censura com que verberar o caso de se estar o fidalgo revendo na moça, quando não atagantei com um qualificativo reprimente a insistencia bem acolhida do filho do forneiro.

Continuaram os passeios matutinos do Vicente ao longo dos campos. Leonor entrou a queixar-se do peito e a pedir á Anna que a acompanhasse a tomar o leite á herdade do José da Leira. O Vicente via-a sair, seguindo-a a distancia respeitosa para não dar na vista. Ao chegarem á herdade, enquanto a Anna ia dentro tratar do ordenho, o Vicente avisinhava-se da namorada. A principio não atemera com o que lhe dissesse; de uma vez, porém, encheu-se de resolução e travou com ella o seguinte dialogo:

— Bons dias, menina Leonor; madruga muito...

— É verdade; e o sr. Vicente?

— E que eu não sei o que tenho que me não deixa dormir.

— É do calor.

— Pois ha de ser isso, não digo que não; mas bem sei eu quem me atçou o fogo.

Leonor fez-se muito córada; sentiam-se dentro os passos da Anna; o Vicente ao afastar-se ainda arriscou a seguinte phrase:

— Adeus, menina Leonor; olhe lá não vá para as bandas da Varzea, que anda por lá muito milhafre.

— Não tenha medo que me não deixo agarrar.

SILVA RAMOS.

(Continúa)

VIAGEM ATRAVÉS D'AFRICA AUSTRAL

PELO

MAJOR SERPA PINTO

O EXPLORADOR E A EXPLORAÇÃO

▼

Quando, já acompanhado pelos negros que enviára ao missionario francez, Serpa Pinto se

achava a caminho de Lechuma, a febre tomou-o com violencia e o delirio tornou-o por muito tempo inconsciente.

O que se passou então, como o transportaram, quanto tempo decorreu assim; não o sabe o explorador.

Um dia voltou a si, mas o acordar pareceu-lhe ainda, por minutos, a continuação de um extranho desvario:

Lembrava-se de toda a sua longa viagem, das fadigas da marcha, das vigílias no matto, dos combates com os negros, das luctas com as feras, da sede, da fome, das observações e dos estudos feitos quando a febre lhe desvaivava a razão, do esforço de vontade para continuar a sua missão através dos obstaculos que pareciam invenciveis, das lembranças da familia, dos amigos, da patria, mas tudo lhe parecia um sonho, e, ao olhar em volta de si, dir-se-hia que tudo isso imaginava apenas.

Via-se deitado, e ao seu lado, sentadas, duas senhoras brancas, trajando á «europêa», conversavam, tranquillamente em francez.

Uma d'essas senhoras teria quando muito 40 annos; a outra 18 ou 19.

Havia 12 dias que ellas velavam junto do leito do explorador. Este parecia emfim ter esgotado o seu poder de resistencia contra as fadigas accumuladas da immensa viagem.

A casa onde Serpa Pinto se achava era em Lechuma. A mais velha das duas senhoras, M.^{me} Christina Coillard era a mulher do missionario protestante de quem o dr. Bradshaw fallara: era escoceza e seguia seu marido através de todos os perigos do centro d'Africa.

A mais nova, M.^{elle} Elisa Coillard, era sobrinha do padre: Um romance notavelmente dramatico levava esta menina a acompanhar seu tio.

Foi aos cuidados d'estas senhoras que Serpa Pinto deveu sem duvida a vida e foi com os auxilios e com a companhia d'esta familia que elle pode terminar as suas explorações.

Todos os recursos de Serpa Pinto se reduziam então a algum marfim, quasi inutil para o explorador, se acaso, o que não era facil em taes regiões, elle não achasse quem pudesse comprar-lh'o em troca de fazendas e de meios de construir os *vagões* necessarios para a viagem.

Uma esperanza o animou por alguns momentos: A casa ingleza Philipps, do Cabo, tinha *aviados* perto de Lechuma, e estes pagaram o marfim a seis schellings por arratel. Mas em seguida a mesma casa teve de fazer preço ás fazendas que o explorador precisava tomar-lhe, e esse preço, que era correlativamente elevado, deixou-o quasi sem coisa alguma.

E todavia elle precisava completar as informações já preciosas que obtivera sobre os territorios que estão entre o Cuando e o Cubango e sobre o curso d'este ultimo rio, aproximando-se mais do norte do Calaari, da região do Lago Ngami, onde aquelle rio deve terminar.

Então o padre Coillard e as senhoras promptificaram-se a acompanhar o viajante.

O deserto do Calaari, mesmo no norte, é muitas vezes cheio de perigos, sem agua nem alimentos. Serpa Pinto fez de todas estas probabilidades outros tantos argumentos contra si proprio, apresentando-os á familia franceza para que desistisse da sua generosa resolução.

Nada porém demoveu aquellas heroicas senhoras.

Partiram todos e foi assim que visitaram o Grande Macaricari e os rios que com elle communicam de leste.

Quando, tempos depois, Serpa Pinto, apenas acompanhado já então outra vez pelos seus negros, chegava ao paiz dos Bamangualos, um espectáculo inesperado se offereceu á sua observação.

Os 30:000 habitantes de Chochong e Cama o proprio chefe, convertidos pelas missões de Price e de Meckenzie, ouviam, no campo, uma missa resada por um missionario protestante.

A 13 de fevereiro d'este mesmo anno de 1879, ha apenas oito mezes, estava Serpa Pinto acampado nas fontes do Limpopo já no terri-

torio da antiga republica do Transwaal. Fora até ali seguindo o rio, e estava observando a longitude do logar, errada ao que parece nos mappas publicados até hoje. Uma aventura terrivel veio então interromper-the os trabalhos:

Dois leões atacaram o campo.

Serpa Pinto tinha uma lanterna de magnésio e n'ella um espelho que reflectia a luz branca do metal em combustão, com grande intensidade, até grande distancia.

Os leões viram-se de repente descobertos, inundados pela claridade forte d'um sol inesperado. E, atraz da lanterna protectora, Serpa Pinto ponde, com a magnifica clavina dada por el-rei, cuja precisão tantas vezes lhe salvou a vida, ponde, emfim, matar as duas feras.

No dia seguinte entrava na cidade de Pretoria acompanhado dos sete negros que estiveram em Lisboa, dois dos quaes levavam, mortos, os dois ultimos leões da aventureira viagem.

Estava apenas installado Serpa Pinto em Pretoria a descansar da travessia, quasi terminada então, quando um homem o procurou dizendo:

— Chamo-me Selous, estive ha pouco perto do rio Loengue e desde o Zambeze que venho atraz do explorador portuguez Serpa Pinto.

O sr. Solous é um zoologo inglez distincto e faz, ao que parece, dos antilopes o seu estudo principalmente predilecto. Ora Serpa Pinto encontrara, como já vimos, no Alto Cuando, o mais extraordinario dos antilopos d'Africa: o Zuichobo ou Dima que vive habitualmente no leito dos rios como o hyppopotamo.

O sr. Selous disse tambem ao explorador portuguez que encontrara, fazendo escravos, tres portuguezes brancos, que Serpa Pinto soube serem tres soldados desertores do antigo batalhão da Zambesia.

Durante a sua curta demora no Transwaal, Serpa Pinto ponde medir, pela primeira vez, o ponto mais alto d'aquella parte d'Africa junto a Heydelberg, o *Jeannette pic*.

Mas, apesar de ter chegado a povoação europêa, a travessia d'Africa não acabara para Serpa Pinto, e por isso não haviam ainda tambem acabado as difficuldades e as aventuras.

Entre o Transwaal e o porto de D'Urban no Natal e por consequencia no mar das Indias, havia então os zulus, ferozes, em guerra com os inglezes. Os negros e as bagagens partiram vagarosamente pelo sul percorrendo em *vagões* um paiz longo mas seguro.

Serpa Pinto ficou em Pretoria, embaraçado, sem bem saber como sahir da difficuldade.

Então alguém disse-lhe:

— Ha um caminho seguido pela posta de Heydelberg a Wesselstroom, a Utrecht, a Lady-Smith a Pietermaritzburg e a D'Urban. N'esse caminho encontra-se, de espaço a espaço, casas de postas, n'algumas das quaes ainda haveria cavallos para mudas. Ninguém segue ha muito já esse caminho. O serviço da posta está interrompido porque entre Utrecht e Lady-Smith está o rio dos Buffalos e entre Lady-Smith e Weenen está o rio Tugella e pelas margens d'um e d'outro vagueiam os bandos dos zulus. Se, porém o explorador portuguez costumado aos perigos quer correr a sua ultima ventura pòde comprar ou alugar um dogcart que justamente existe agora em Pretoria, obter do governador inglez uma ordem para que as mudas lhe sejam dadas onde as encontrar, e, se os zulos o não matarem, verá dentro de poucos dias o mar das Indias.

Serpa Pinto aceitou a proposta. Obteve a ordem do governador, comprou o dogcart e contractou um cocheiro Griqua.

Então foi procurado por um inglez muito alto, muito novo, de maneiras distinctas que lhe disse:

— Sou Lord Barker, tenente do 5.^o regimento de Oeste York. Preciso ir reunir-me á columna do coronel Wood em operações entre o Tugella e o Buffalo. Sei que tem dois logares no seu dogcart: venho pedir-lh'os para mim e para o meu criado.

O criado era um velho soldado inglez que estivera na Criméa, na India, na Abyssinia e no paiz dos Ashanti.

Partiram.

O dogcart era puchado a seis soltas que corriam com a maior velocidade pelos mattos e pelas encostas pedregosas e desertas, por onde havia já muito que a posta se não atrevia a passar.

Segurar e dirigir os seis cavallos na sua rapidissima carreira era por extremo violento: As mãos callejadas do Griqua ficaram dentro em pouco a escorrer em sangue. Lord Barker teve de o auxiliar com o seu criado e Serpa Pinto tambem. Ainda hoje entre os dedos das mãos d'este ultimo são bem visiveis as cicatrizes das feridas feitas pelas redeas.

De duas em duas horas encontravam uma casa de muda, trocavam os cavallos e partiam de novo á desfilada. Muitas das estações, já nos montes Draken, estavam abandonadas e era forçoso, com os mesmos cavallos, proseguir.

A descida das montanhas, para o lado de Wesselstroom fizeram-n'a na mesma carreira vertiginosa, devendo a cada momento os viajantes, o carro, os cavallos, cair esmigalhados nos abysmos, ou rolar pelos declives abruptos. Foi preciso passar um rio a nado, levando os cavallos á mão e incitando-os a nadarem tambem.

Mas, já na Zululandia, outros perigos os esperavam:

Uma noite em que corriam, um pouco ao acaso pelos plainos que deviam estar proximos do rio dos Buffalos, sentiram detonações perto e algumas ballas vieram fazer saltar fragmentos das rochas que havia perto.

Serpa Pinto fez acelerar a carreira e entretanto todos pegavam nos *repeating-rifles* para vender ao menos caras as vidas collocadas em tão precarias circumstancias.

Nos ultimos tempos as chuvas tinham caído torrencias sobre os viajantes. Já não tinham comida, e havia tres noites e tres dias que caminhavam sem parar, sem dormir, á lerta sempre, sempre vencendo obstaculos e despendendo forças.

Emfim, proximo da manhã, avistaram ao longe um clarão.

— São zulus talvez, disse Lord Barker.

— Que seja o diabo, respondeu Serpa Pinto, acabemos com isto! Vamos direitos áquella luz. E foram.

Ainda longe, porém, pararam.

Serpa Pinto pegou na sua clavina e, de rastos, escondido com os altos arbustos do matto, aproximou-se cautelosamente.

Então, a pequena distancia, parou olhando: Em volta d'uma fogueira, sentados no chão, tres homens conversavam tranquillamente: esses tres homens eram brancos.

Serpa Pinto não esperou mais, e, repentinamente, para que lhe vissem depressa a côr e o não tomassem por zulu, deu um salto para espaço allumiado pela fogueira.

A esta apparição, — conta o explorador portuguez, — os tres homens nem sequer estremeram. Voltaram-se serenamente e um d'elles, com uma voz lenta e socegada, disse:

ENIGMA



Explicação do enigma do n.^o antecedente:

A felicidade cá no mundo nunca é completa.

— *Good evening, sir.*

Eram officiaes da columna do coronel Wood estacionada a pequena distancia.

Serpa Pinto contou-lhes a sua viagem extraordinaria, disse-lhes onde deixara os seus companheiros, e, sem querer saber de mais nada, exaustado, estendeu-se ao pé da fogueira e adormeceu profundamente.

A 20 de março do corrente anno Serpa Pinto chegava a D'Urban. A 17 de abril seguinte embarcava para o Egypto.

Em todas as extraordinarias aventuras, que ficam apontadas n'alguns dos seus pontos mais salientes, e que não são mais do que um ou outro episodio, apenas esboçado, do livro interessantissimo já publicação já se annuncia, em toda essa longa travessia, teve Serpa Pinto dois companheiros de que eu ainda não fallei.

Em Benguella uma senhora deu ao explorador um papagaio e uma cabra.

Pousado na hombro de Serpa Pinto ou voando atravez das florestas que se encontrava, o papagaio nunca abandonou a expedição.

A cabra tambem sempre o acompanhou, e, muitas vezes, de noite, o explorador tinha de defender-se a tiro, das feras que ella attraia ao acampamento com o seu cheiro fortemente animal.

Estes dois animaes chegaram com os restos da expedição a D'Urban, no mar das Indias.

O papagaio veiu até Lisboa e era no hotel Central o encanto da interessante filha do explorador. Quando o prendiam com uma corrente doirada na luxuosa gaiola que lhe haviam comprado, elle que fielmente acompanhára, os fatigados, os perseguidos, os famintos, os abandonados, elle que não os desamparara nem pelas grandes florestas, onde tinha alimentos e semelhantes, nem pelos rios tropicaes cheios de frescura e de vegetação, quando o prendiam dentro dos arames pintados, junto d'um fogão de marmore, sobre um tapete cheio de largas flores tecidas, o papagaio entristecia, curvava a cabeça e parecia cheio da nostalgia da sua grande Africa selvagem e livre.

ALBERTO DE CERVAES.

O HYSOPE

DE

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

Temos presente esta formosissima edição emprehendida e executada pelos srs. Castro Irmão, proprietario da typographia mais bem organisaada do paiz, e disposta e annotada pelo sr. José Ramos Coelho, um dos nossos mais conscienciosos e illustrados homens de letras.

É na realidade um acontecimento notavel a publicação d'este livro.

Emquanto a França, a Inglaterra, a Italia, a Alemanha, a Hespanha, em repetidas e quasi ininter-

rompidas edições, qual mais nitida e accurada, honra a memoria dos seus antigos escriptores, e derrama por entre os seus concidadãos o conhecimento dos modelos da sua litteratura, unico meio de conservar

zas de Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Ferreira, Rodrigues Lobo, Bernardes, Mousinho de Quevedo, Corte Real, Garção, Diniz, Filinto, Alvarenga, Gonzaga, etc., isso cheira a fossilismo. Pegar em Barros, Lucena, Fr.

Luiz de Sousa, Vieira, D. Francisco Manuel, Fr. Thomé de Jesus, Rosario, etc., Deus no livro, que atrophia o espirito. E no entanto a lingua anda, como dizia Rodrigues Lobo, mais remendada que capa de pedintes, ella tão rica, tão formosa, tão cheia de belleza, que não cede a nenhuma outra das neo-latinas, senão fór á italiana, de quem é quasi rival. Que romances mais vivos, mais brilhantes ainda, do que os que se encontram nas paginas de Bernardo de Brito, Mendes Pinto, Sousa, Manuel Bernardes, etc. E, se em vez de se editarem tantos maus romances, se editassem os nossos bons auctores, nem os costumes, nem as boas letras, nem a lingua padeceriam tanto.

A edição de que fallamos do poema de Antonio Diniz, honra a arte portugueza. É um primor de execução typographica e artistica, e é um modelo de consciencia litteraria.

Este formosissimo poema, ainda assim, é uma das obras mais geralmente conhecida da nossa litteratura, e merece-o, porque no seu genero corre parelhas com a *Secchia rapitta* do Tasso, e é mais leve, mais rapido e mais chistoso que o *Lutrin* de Boileau; basta ler-se a proposição de um e de outro, para se perceber logo a differença do genio dos dois poetas.

O estudo acerca de Diniz do sr. Ramos Coelho, encerra uma grande copia de noticias e factos, habilmente dispostos e aproveitados pelo illustre litterato, completo pelas variantes additadas no fim do poema, e pelas notas largas e instructivas. A execução artistica não podia ser outra tendo sido confiada ao lapis de Manuel de Macedo. Nota-se, é verdade, alguma exaggeração em certas scenas, e uma maneira de interpretar alguns quadros do poema com certa tendencia para a caricatura, mas deve-se advertir que esta edição foi emprehendida ha mais de seis annos, quando o artista deixava a scenographia, para se entregar a este novo genero, e tinha o seu estylo ainda pouco formado, sendo certo que hoje algumas d'aquellas scenas seriam por elle traduzidas de outro modo. Emquanto porém aos usos e costumes são elles fielmente observados e reproduzidos, e ainda assim aquellos effeitos não destoam muito do genero do poema. A execução das gravuras honra os artistas, alias assaz conhecidos.

Depois da edição dos *Lusiadas* do morgado de Matheus, é esta a unica edição artistica emprehendida de um dos nossos monumentos litterarios, feita em condições analogas ás das edições francezas ou inglezas das obras d'aquelles paizes, e apezar de tudo, aquella foi executada em França, e está em Portugal e completamente portugueza.

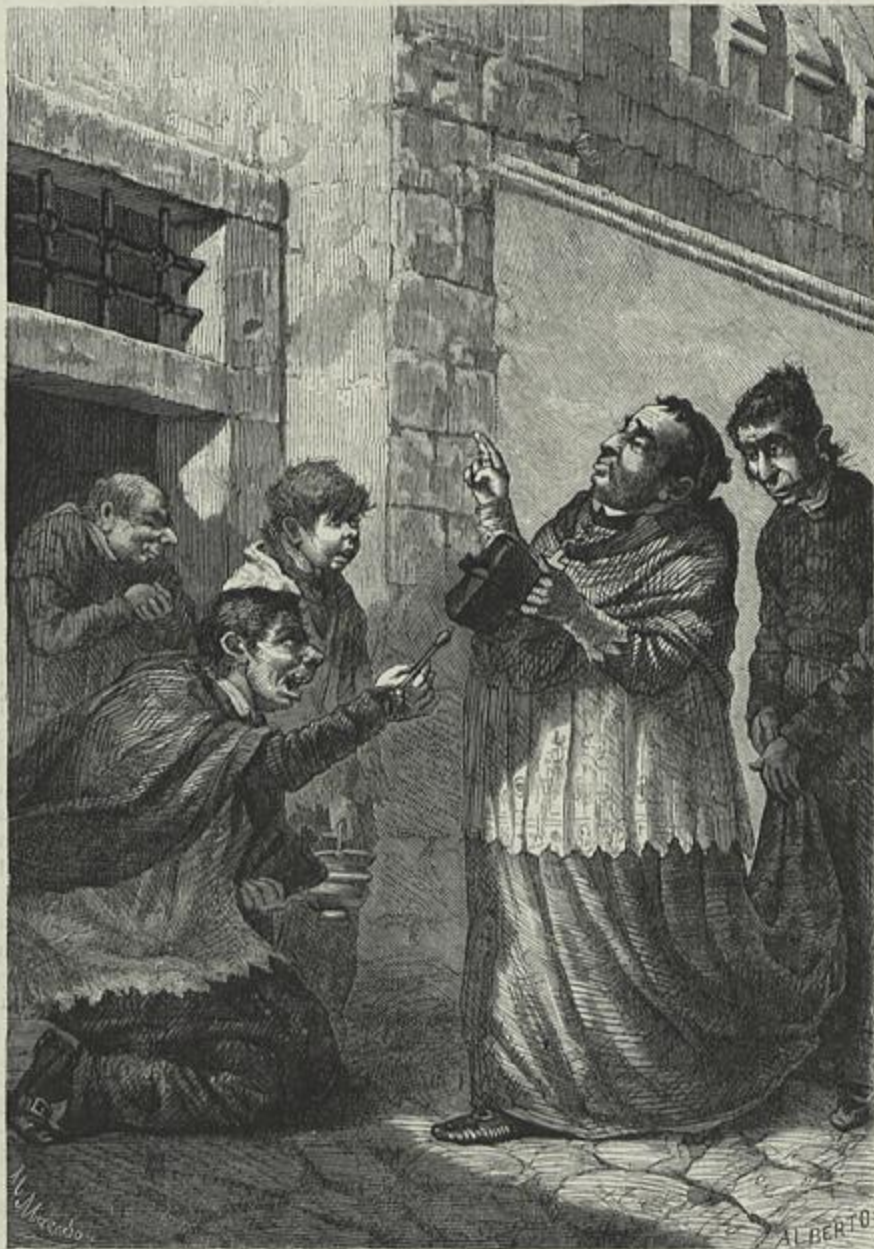
Honra seja ao editor e a todos os que concorreram para este pequeno monumento. Dêem-se os editores do paiz um pouco mais ao credito e gloria da nação, e menos á ambição do lucro, e as letras, e a lingua, e o genio portuguez será mais honrado, e mais venerados os seus grandes monumentos litterarios.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRERES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6



QUE EM SEGURO JÁ POSTO, AO PÉ DA GUARDA.



AO PASTOR QUE SE APEIA O HYSOPE OFFERECE

Gravuras extrahidas do *Hysope*, poema heroico-comico de Antonio Diniz da Cruz e Silva, edição da empresa do *Archivo Pittoreasco*

pura, a lingua nacional; Portugal, esquecido de que tem uma litteratura riquissima, onde avultam obras que levam immensa vantagem ás mais celebradas de alguns desses paizes, não lê senão o que lhe fornecem as estragadas imaginações francezas, e as suas mais estragadas reproducções; e só por muito favor deita os olhos de quando em quando aos *Lusiadas*, e a algum dos escriptos mais comesinhos de Garrett, Herculano, Castilho, ou Rebello da Silva. Estudar as belle-